

**OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS EM RORAIMA: UMA MOSTRA DA  
DITONGAÇÃO NA FALA DOS BOA-VISTENSES**

DIALECTOLOGICAL STUDIES IN RORAIMA: AN EXAMPLE OF  
DIPHTHONGIZATION IN THE SPEECH OF BOA-VISTA RESIDENTS

Luzineth Rodrigues Martins<sup>1</sup>

Universidade Federal de Roraima

Elecly Rodrigues Martins<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Roraima

Maria do Socorro Melo Araújo<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima

**Resumo:** Roraima é ambiente propício para pesquisas sociolinguísticas dadas as condições geográficas e sociais do estado. Apesar de alguns estudos dialetológicos já realizados, o estado ainda carece de pesquisas precisas sobre suas características dialetológicas. É nesse intuito que este trabalho se apresenta como o resultado de uma pesquisa diatópica sobre a ditongação de vogais diante de /S/ na capital Boa Vista. Os dados foram obtidos através da aplicação do questionário fonético-fonológico (QFF) com entrevistas gravadas e depois transcritas conforme modelo adotados pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) As discussões teóricas são baseadas em Aragão (2014) Rocha, Silva e Neves (2015), Lucchesi e Ribeiro (2009) Razky e Farias (2012), entre outros. Os resultados das análises realizadas apontam que o processo de ditongação teve grande recorrência entre os sujeitos pesquisados, caracterizando-se como fenômeno comum do falar boa-vistense, corroborando assim com a pesquisa realizada por Sanches e Pereira (2020) no Amapá.

**Palavras-chave:** Dialetologia; Ditongação; Boa Vista-RR.

**Abstract:** Roraima is a suitable environment for sociolinguistic research given the state's geographic and social conditions. Despite some dialectology studies already carried out in this context, the state still lacks precise research on its dialectological characteristics. It is with this aim that this work is presented itself as the result of diatopical research on the diphthongization

---

<sup>1</sup>Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Professora de Letras e Sociolinguística da Universidade Federal de Roraima- UFRR. E-mail: luzineth.martins@ufr.br.

<sup>2</sup>Doutora em Linguística e língua portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima- UERR. E-mail: elecly.martins@uerr.edu.br.

<sup>3</sup>Doutora em Linguística e língua portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professora do curso de Letras da Universidade Federal de Roraima- UFRR. E-mail socorro.araujo@ufr.br.

of vowels before /S/ in the capital Boa Vista. For this section, we present data on the diphthongization of vowels before /S/ in the Boa Vista. The data was obtained through the application of the phonetic-phonological questionnaire (QFF) with interviews/surveys recorded and then transcribed according to the model adopted by the Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Theoretical discussions are based on Aragão (2014) Rocha, Silva and Neves (2015), Lucchesi and Ribeiro (2009) Razky and Farias (2012), among others. The results indicate that, in principle, diphthongization, just as it is a feature of the speech of northeastern Brazilian states, is also typical of Boa Vista speech.

**Keywords:** Dialectology; Diphthongization; Boa Vista-RR.

**Submetido em 29 de março de 2024.**

**Aprovado em 13 de maio de 2024.**

## **Introdução**

Estudos e pesquisas que abordam o modo de falar dos sujeitos têm tomado um grande impulso nas últimas décadas, seja para evidenciar o grau de relação entre a língua e a questão social do indivíduo, ou para evidenciar as diferenças existentes na língua portuguesa do Brasil. É na linguagem que identificamos e diferenciamos cada comunidade, nela percebemos a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros e grau de escolaridade. Nesse contexto, a língua e a fala são fatores preponderantes para o conhecimento e análise das ações humanas, por isso, pesquisas que têm foco na língua e suas variedades dialetais são de grande relevância para a construção da identidade linguística nacional e do patrimônio cultural do povo brasileiro. Estudar a língua em um contexto social requer que consideremos as diferenças de natureza social e de espaço geográfico-temporal.

Os estudos dialetológicos no Brasil surgiram no século XIX e assumem destaque as publicações “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral (1920) e “O Linguajar Carioca”, de Antenor Nascentes (1922), que trouxeram à baila conhecimentos da realidade linguística brasileira. Outro grande marco desses estudos deu-se com o Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, no ano de 1996, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. No entanto, de acordo com Cardoso (2012), só em 2001 as ideias fomentadas no referido seminário tomaram corpo com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, coordenado por um comitê nacional formado por pesquisadores de diversas universidades brasileiras. A partir de então, várias universidades se colocaram em colaboração para mapear a fala do povo brasileiro.

Diversos estudos foram emergindo em todos os estados brasileiros com a tarefa de fazer o registro sistemático do português do Brasil, dentre eles citamos: Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCH et al., 2002); Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2002); Atlas Linguístico Sonoro do Estado Pará- ALiSPA (RAZKY, 2004); Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004); Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO e SANCHES, 2017). De acordo com o Comitê do Projeto ALiB (2001), as pesquisas dialetológicas em todo o Brasil visam à descrição da realidade linguística do português brasileira, por meio da identificação de fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos.

Decorridas mais de duas décadas do início do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, são poucos os estados que ainda não fizeram o registro cartográfico da fala do seu povo, dentre eles está o estado de Roraima. No estado, temos a hipótese de que a fala do roraimense aproxima-se da fala do maranhense e dos habitantes da região norte, por conta da influência da migração na formação populacional de Roraima, mas essa hipótese precisa ser confirmada ou refutada por meio de pesquisa dialetológica para que se aponte a identidade linguística do povo roraimense.

A falta de estudos dialetológicos em Roraima repercute também na incompletude de caracterização e de divulgação da fala do povo brasileiro, inclusive no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. Lá, Roraima é um dos únicos estados em que não se tem a projeção da fala do seu povo.

É, pois, com o intuito de colaborar na divulgação da fala do povo roraimense que este trabalho se apresenta. Nessa perspectiva, na primeira seção, expomos “O cenário linguístico de Boa Vista e o surgimento dos estudos geolinguístico em Roraima”; na segunda seção, destacamos “O processo teórico-metodológico da pesquisa” assentado nos princípios da dialetologia com foco na geolinguística; na terceira seção, denominada “O fenômeno em destaque: Ditongação de vogais diante de /S/ na capital Boa Vista” apresentamos os dados da coleta sobre a ditongação na fala do boa-vistense. Por fim, faz-se as considerações finais sobre a pesquisa.

## **1 O cenário linguístico de Boa Vista e o surgimento dos estudos geolinguístico em Roraima**

Fundada no século XIX, Boa Vista tornou-se a capital de Roraima em 1988 com a criação oficial do estado. A cidade tem uma área total de 5.687,037 quilômetros

quadrados, e uma densidade demográfica de 2,85 habitantes por quilômetro quadrado. No que tange à localização geográfica, Boa Vista é a capital mais setentrional do Brasil por sua peculiaridade de ser a única capital brasileira localizada totalmente ao norte da linha do Equador. Sua população, segundo o IBGE (2022), chegou a 413.486, o que corresponde a dois terços da população do estado, representando um aumento de 45,43% em comparação ao censo de 2010. Ainda de acordo com esse órgão, ao todo, 50,5% dos moradores vieram de outros estados e 62% dos moradores não vivem em seu município de origem.

Situada às margens do Rio Branco, Boa Vista é formada, assim como todo o Estado de Roraima, por habitantes de todos os estados brasileiros, com destaque para nortistas e nordestinos, por indígenas de várias etnias e por imigrantes, especialmente da Venezuela e do Haiti, povos refugiados devido à condição econômica de seus países. No que tange à formação da população indígena, segundo Santos (2012) tem-se a presença das etnias e seus respectivos troncos linguísticos: **Aruak** (Wapichana); **Karib** (Macuxi, Taurepang, Ingaricó, Ye`kuana, Wai-wai e Atroari); **Yanomami** (Yanomam, Yanomami, Sanumá, Yanam ou Ninam)

Essa formação populacional confere a todo o estado, inclusive a sua capital, Boa Vista, um cenário linguístico bastante atraente às pesquisas dialetológicas com foco na geolinguística. Costumamos dizer que o Estado é um “caldeirão linguístico”

Ainda, segundo dados do IBGE (2022), Boa Vista ocupa, no *ranking* de população dos municípios, a 1ª colocação no estado, a 6ª colocação na região norte e a 59ª colocação no Brasil. A seguir, apresenta-se a imagem da orla de Boa Vista.

**Figura 01-** Foto de Boa Vista-RR

Fonte: <https://static.mundoeducacao.uol.com.br/mundoeducacao/2021/08/rio-branco-boa-vista.jpg>

É a capital brasileira com maior taxa de crescimento entre 2018 e 2019, consequência da chegada em massa de imigrantes venezuelanos que fogem da crise em seu país. Esse fato confere a Roraima o título de estado brasileiro com maior número de pedido de refúgio de venezuelanos em 2018 (50.770), segundo os dados publicados no documento Refúgio em Números, do Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral, (OLIVEIRA, CAVALCANTI e LEMOS, 2022).

Como já dissemos, o cenário linguístico descrito é propício às pesquisas geolinguísticas, no entanto, elas ainda acontecem de forma muito tímida e já há pesquisas embrionárias em Roraima seguindo a tendência das pesquisas dialetológicas com foco geolinguísticos que estão sendo desenvolvidas país a fora, nas quais pesquisadores de vários estados estão trabalhando coletivamente no sentido de mapear linguisticamente a língua falada por habitantes de todos os estados do Brasil. E não se cessam os convites às universidades para se juntarem a esta tarefa que entendemos ser de urgência e de grande relevância social.

As pesquisas dialetológicas com foco geolinguístico em Roraima iniciaram há duas décadas com a coleta de dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil, que devido à densidade demográfica de Roraima na época, formou apenas uma rede de pontos na capital Boa Vista. Nesse contexto, ainda em 2013, os pesquisadores Araújo, Mota e Cruz

realizaram o estudo no município de Pacaraima intitulado “Um olhar dialetológico sobre Roraima: variações na cidade de Pacaraima” acerca do falar roraimense, voltado especificamente para a pronúncia do nome do estado: Roraima.

Em 2021, dada a escassez de pesquisas dialetológicas em Roraima, foi criado o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima - NEPSol, que é composto, em sua maioria, de professores do estado de Roraima. Esse grupo realiza estudos de variáveis linguísticas e extralinguísticas diversas que denotam a pluralidade sociocultural de Roraima, especialmente as regionais, visando contribuir para o fortalecimento dos estudos sociolinguísticos e geolinguísticos em Roraima e da identidade do povo roraimense.

Com esta finalidade o NEPSol está desenvolvendo pesquisas no sentido de registrar o modo de falar do povo Roraimense por meio de dois projetos, ambos coordenados pela Professora Luzineth Rodrigues Martins da Universidade Federal de Roraima, em colaboração com pesquisadores locais e de outras universidades brasileiras:

1. Quem és tu, Roraima? Caminho para a construção do Atlas Linguístico de Roraima que visa fazer o registro da fala do povo roraimense seguindo a metodologia dos estudos dialetais desenvolvidos no Brasil. Esta pesquisa encontra-se em fase inicial, contando com dados coletados apenas no município de Boa Vista.
2. Mapeamento geolinguístico da fala do povo boa-vistense, caracterizado como um recorte do projeto Atlas Linguístico de Roraima e que tem como pontos de inquéritos nas quatro zonas de Boa Vista: Zona Norte; zona Sul; zona Leste; e zona Oeste, onde estão concentrados 75% da população da Capital, com cerca 250mil habitantes. A pesquisa está em andamento e possibilitou a socialização parcial dos dados em eventos da área na região norte.

Os resultados das pesquisas do NEPSol se traduziram em algumas publicações, tais como: “Catálogo Dialetal de São Luiz do Anauá-RR” (GONÇALVES e PROCÓPIO, 2021). “Proposta de um Catálogo Dialetal de São Luiz do Anauá-RR” (GONÇALVES e PROCÓPIO, 2021); “Variação ‘nós’ e a ‘gente’” nas Modalidades Escrita e Oral entre adolescentes de Boa Vista.-RR” (ALVES, 2023); “A fala do povo boa-vistense: considerações preliminares” (MARTINS, MARTINS e ARAÚJO, 2023); “Atlas linguísticos em contexto amazônico: desafios e possibilidades” (SILVA, MARTINS e SANCHES, 2024), no prelo; “Carapanã”: um estudo do falar roraimense em Boa Vista”

(OLIVEIRA e ARAÚJO, 2024), no prelo;” Retratos Linguísticos do Português Falado em Roraima” (PROCÓPIO e MACHADO, 2024) no prelo.

Os estudos dialetológicos têm como premissa retratar a realidade da fala de comunidades linguísticas revelando como os sujeitos constroem o processo de interação por meio da fala. Dessa forma, pautados no modelo geolinguístico, tais estudos contribuem para conhecimento sobre as variedades da língua e a história dos sujeitos usuários desta.

A experiência da realização de trabalhos com esse repertório de conhecimento linguístico pode suscitar muitos outros estudos, como por exemplo, trabalhos de pós-graduação Lato e Stricto Sensu, e outras publicações. Ressaltamos ainda que, em tempos de resgate da valorização das diferenças sociais como fator de riqueza cultural de um povo, estudos com este fundamento teórico-metodológico têm encontrado grande destaque no cenário dos estudos linguísticos no Brasil.

## **2 O processo teórico-metodológico da pesquisa**

O método de pesquisa da Geolinguística, segundo Cardoso (2010), consiste na descrição das falas regionais e pressupõe o registro descritivo de cada forma vocabular em um dado território, considerando o dialeto como forma divergente de uma mesma língua comum. Essa mesma autora afirma que “as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto, que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra” (CARDOSO, 2010, p.17). Nesse sentido, o que pretendemos neste trabalho é revelar cientificamente as características da fala do boa-vistense, no que se refere ao processo de ditongação de vogais diante de /S/ na capital Boa Vista, colaborando assim para o processo de registro da identidade linguística desse povo.

Os dados apresentados são provenientes da aplicação do questionário fonético-fonológico (QFF) com entrevistas gravadas e depois transcritas. Os campos semânticos e o número de questões foram os mesmos adotados pelo Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Além do critério da naturalidade, isto é, informantes nascidos em Roraima. Seguimos também o critério de variantes extralinguísticas, e o número de informantes por localidade foi de oito pessoas, assim distribuídas:

- 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos com ensino fundamental;
- 1 homem e 1 mulher de 45 a 60 anos com ensino fundamental;

- 1 homem e 1 mulher de 18 a 30 anos com ensino superior;
- 1 homem 1 mulher de 45 a 60 anos com ensino superior.

Assim, seguimos um dos princípios das pesquisas sociolinguísticas indicadas por Labov cuja afirmação é a de que "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 2008, p. 21). Deste modo, as características sociais como sexo, idade e escolaridade podem, assim como a localização geográfica, apresentar diferenças de falares, por isso, nesta pesquisa, escolhemos a zona sul e a zona oeste de Boa Vista.

Dos 56 bairros de Boa Vista, incluindo o centro, foram selecionados 6 pontos de inquéritos, considerando a importância histórica do ponto, a densidade da população, a localização geográfica e a característica da população

**Quadro 01:** Pontos de inquérito

<b>Zona Sul:</b> 5 bairros. 13.620 habitantes	<b>Zona Oeste:</b> 32 bairros. 229.454 habitantes
Bairros selecionados:	Bairros selecionados:
1. Calungá,	1. Buritis,
2. Treze de Setembro	2. Caranã
3. São Vicente	3. Pintolândia

Fonte: As autoras.

Após a aplicação do QFF aos informantes já descritos anteriormente, foram selecionados os vocábulos, apresentados a seguir.

**Quadro 02:** Vocábulos analisados

Questão do QFF	Vocábulo
9	Luz
21	Arroz
63	Três
64	Dez
137	Voz
155	Paz
178	Português
182	Surdez

Fonte: As autoras.

As análises a seguir configuram um primeiro recorte das características do falar do boa-vistense no que se refere ao fenômeno da ditongação. Mas, dadas as características logísticas de uma pesquisa dessa natureza, eles representam um passo importante diante da carência e necessidade de realização de pesquisas dialetológicas no estado de Roraima.

A distribuição da variação diatópica foi averiguada ao definirmos os pontos de inquéritos nos bairros, dentro das duas zonas escolhidas da capital. Na zona sul, foram escolhidos os bairros Calungá, Treze de Setembro e São Vicente. Esses são bairros antigos da capital e estão localizados às margens do rio Branco. Residem ali pessoas que viram a cidade nascer e atualmente recebem muitos imigrantes da Venezuela e de indígenas. Poderíamos dizer que lá estariam os falares mais originários da capital.

Na zona oeste, averiguamos os bairros Buritis, Caranã e Pintolândia, bairros que nasceram a partir da expansão da cidade, não são os mais novos, mas não tão antigos quanto os da zona sul. Naquele espaço vivem pessoas que chegaram dos outros estados ou resultantes de crescimento de famílias boa-vistenses, com a mesma característica populacional, formada também por imigrantes e indígenas.

### **3 O fenômeno em destaque: Ditongação de vogais diante de /S/ na capital Boa Vista**

Seguimos com a análise dos dados obtidos pela aplicação do QFF aos informantes já descritos anteriormente. Foram selecionados os vocábulos cujas realizações possibilitavam a produção do fenômeno ditongação de vogais diante de /S/ na capital Boa Vista. Para esse propósito, achamos conveniente retomar a concepção do termo “ditongo” com base no sistema linguístico do português.

A língua portuguesa originou-se do latim, e de lá vem o sentido de ditongo como uma sequência de sons, uma vogal e uma semivogal (ou glide), identificada no início ou final do segmento, por exemplo, no ditongo [ai] da palavra “caixa”. As vogais altas anteriores e posteriores [i, u] podem ocupar o núcleo ou a margem da sílaba. Quando ocupam a margem constituem os ditongos que são classificados como crescentes (semivogal + vogal), e ditongos decrescentes (vogal + semivogal) (ROCHA, SILVA e NEVES, 2015, p. 02). No entanto, sendo as línguas dinâmicas, vivas, ao longo de sua história essas sofrem modificações. Exemplo disso são alguns ditongos que se realizam somente na fala, não havendo existência no sistema da língua. Esses processos fonológicos podem motivar mudanças fonéticas referentes ao som ou à articulação de um fonema em certo contexto fonêmico, como acontece em “paz” [‘pajs] e “três” [‘trejs]. Mais exemplos estão no quadro 3 que apresenta o processo de ditongação observado nos vocábulos selecionados na pesquisa.

A ditongação ocorre quando há a transformação de uma vogal em ditongo a partir da inserção de uma semivogal /j/ ou /w/ em posição pré ou pós-vocálica, como em “boa” > [bo'wa] e “paz” > [’pajs]. Aragão, (2014) descreve o fenômeno como essencialmente fonético, causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala especialmente ao nível ou registro de fala.

Os estudos em torno do processo de ditongação têm sido contínuos entre os estudiosos da língua. Para Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 1107), a ditongação é um processo sociolinguístico, portanto, sujeito às influências linguísticas e extralinguísticas, “a exemplo do tamanho do vocábulo, do contexto fonético, da escolarização, do nível de registro de fala etc”. Razky e Farias (2012, p. 96) observaram, em seu estudo realizado no Pará, que a distribuição fonética do ditongo <ej> não é aplicada em todo o estado, fato que parece estar concentrado na cidade de Bragança (...)”. Isso significa que não se pode afirmar que o fenômeno ocorre integralmente no português brasileiro, mais estudos precisam ser concluídos.

O pesquisador alemão Volker Noll (2008) é categórico ao afirmar que o processo de ditongação é inovação do português do Brasil. Esse autor afirma que

a formação de ditongação em sílabas fechadas pelo fonema /S/ é um fenômeno frequente no português falado no Brasil e acrescenta ainda que este processo pode ser considerado uma inovação no português brasileiro (PB), pois não há correspondência em outras variedades do português, como em Portugal (NOLL, 2008, apud SANCHES, PEREIRA, 2020, p. 79).

O fenômeno da ditongação da vogal diante de /S/, observado a partir de dados da língua portuguesa falada no Brasil, tem sido mostrado em estudos como os de: Leiria (1995), estudo da fala da região sul; Aquino (1998, 2004), em pesquisa do falar nordestino; Leite, Callou e Moraes (2003), em investigação dos dados da fala do Rio de Janeiro; Mota e Silva (2012) em investigação nas capitais da região sul e sudeste do Brasil; Aragão (2014) que apresenta o fenômeno nas capitais brasileiras, analisando dados do Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALiB nas Capitais brasileiras; e Sanches e Pereira (2020) em estudos no Amapá.

Observamos também em Roraima o fenômeno da ditongação de vogais orais tônicas diante de /S/, em sílaba tônica final. As análises partiram da fala de informantes, em respostas ao QFF e não em situações espontâneas de conversação. Foram considerados os aspectos linguísticos (especialmente fonético-fonológico) e extralinguísticos (sociais), considerando as variáveis: nativo de Roraima, sexo, faixa

etária e nível de escolaridade, também descritas anteriormente. Nesse propósito, obtivemos as palavras e suas realizações a seguir:

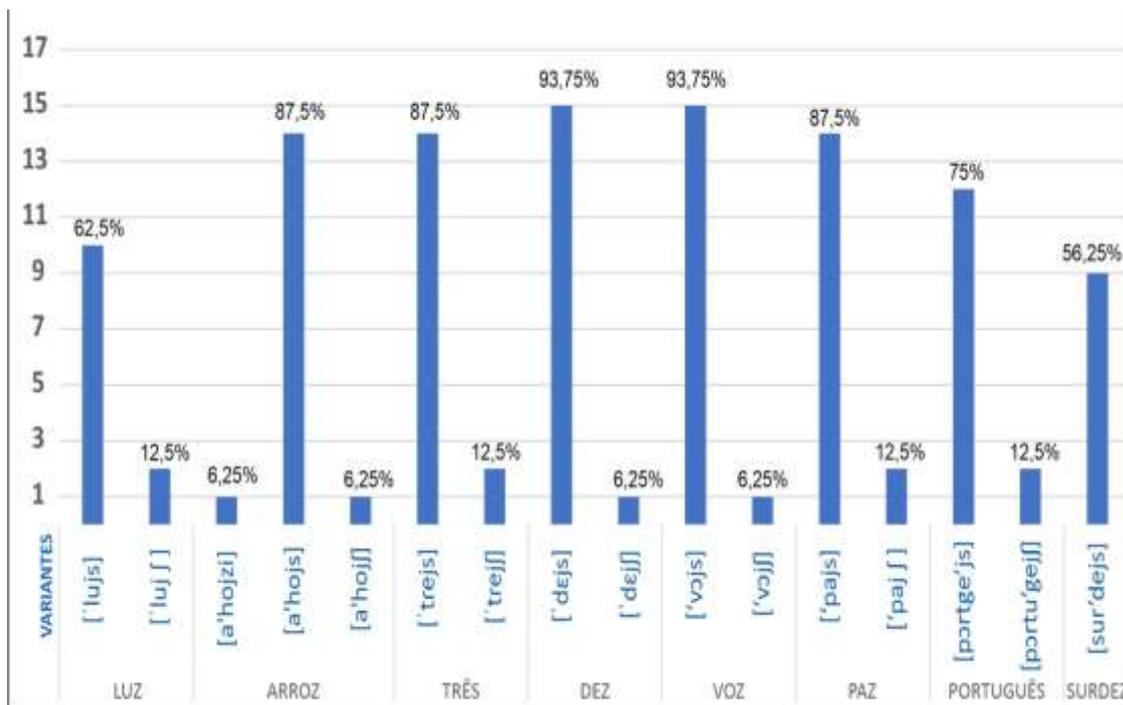
**Quadro 03.** Realizações de da ditongação de vogais orais tônicas diante de /S/

Paz: 14 realizações ['pajs]; 2 ['pajf]
Luz: 10 realizações de ['lujs]; 2 realizações de ['lujf]; 4 não realizadas (energia);
Arroz: 1 realização [a'hojzi]; 14 [a'hojs]; 1 [a'hojf]
Três: 14 realizações ['trejs]; 2 realizações ['trejf]
Dez: 15 realizações ['dejs]; 1 realização ['dejf]
Voz: 15 realizações ['vɔjs]; 1 ['vɔjf]
Português: 12 realizações [portu'gejs]; 2 [pɔrtu'gejf]; 2 não realizadas
Surdez: 9 realizações [sur'dejs]; 7 não realizadas

Fonte: As autoras.

Colocamos no gráfico a seguir, os resultados obtidos. Dessa forma, podemos visualizar em percentuais de recorrência cada uma das realizações.

**Figura 2-** Ditongação diante do arquifonema /S/ em Boa Vista



Fonte: As autoras.

As análises dão-se a partir da notificação de cada realização. Observamos que as vogais /a/, /e/, /o/ e /u/ são determinantes para realização do processo de ditongação no português brasileiro falado em Roraima, como apresentado no quadro anterior.

Em estudo baseado no ALiB, Sanches e Pereira (2020) categorizaram a ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras, atribuindo peso relativo, em alto, intermediário e baixo, considerando maior ou menor tendência em realizar o fenômeno. Neste trabalho apresentamos os dados em percentuais.

O gráfico contido na figura 1 indica que o maior percentual de realização do ditongo acontece com os vocábulos dez: [ˈdejs] 93,75%; voz: [ˈvojs] 93,75%; arroz: [aˈhojs], 87,5%; três: [ˈtrejs] 87,5%; paz: [ˈpajs] 87,5%; português: [portuˈgejs] 75%; surdez: [surˈdejs] 56,25%.

Como podemos observar, o processo de ditongação ocorre tanto nos vocábulos monossílabos quanto em vocábulos com mais de uma sílaba, no entanto com os vocábulos monossílabos, o fenômeno é mais produtivo como dez: [ˈdejs] 93,75% ; voz: [ˈvojs] 93,75% ; paz: [ˈpajs] 87,5%, o que ratifica os estudos realizados por Mota e Silva (2012). Esses autores destacam que o processo de ditongação ocorre em palavras oxítonas ou em monossílabos, mas consideram que as análises realizadas ainda são de pouca representatividade diatópica. Neste trabalho, identificamos que o fenômeno ocorre sempre em coda silábica, e não somente em monossílabos (“três”, “dez”), mas também

em palavras com mais de uma sílaba como “surdez” e “português”, o que ratifica pesquisas anteriores.

Ao compararmos as formas variantes, identificamos processos de variação que merecem destaque: 1) a palavra “arroz” apresentou o maior número (três) de variantes: [a'hojzi] ; [a'hojs] ; [a'hojʃ]; 2) em quase todas as palavras houve variação para o som /ʃ/, exceto em “surdez” e 3) o /S/ em fechamento silábico em quase todas as palavras, apenas em “surdez” aparece uma única variante. Essas observações retratam a diversidade dialetal advinda da formação populacional do estado, visto que a variação para o som /ʃ/ em fechamento de sílabas é marcante em algumas regiões do Brasil. Uma pesquisa com amostra mais significativa, provavelmente com a construção do Atlas linguístico de Roraima, cuja pesquisa está em curso, poderá indicar resultados mais seguros.

### 3.1 O fenômeno além do linguístico

As pesquisas, em geral, resultam da necessidade de acompanhar as transformações sociais oriundas da mobilidade do homem hodierno. Nesse sentido, a dialetologia avança ao considerar os fatores não linguísticos nos processos de pesquisa para descrição de falas de determinados locais em determinada época. Segundo Radtke e Thun (1996), novos modelos teórico metodológicos de análise e de descrição das variedades linguísticas têm sido criados nos dois últimos séculos para dar conta dessa investigação sociolinguística contemporânea.

Para Jacyra Andrade Mota et al (2020),

O ALiB estrutura-se como um atlas pluridimensional que se caracteriza pelo alargamento do campo de observação, exibindo cartograficamente dados de natureza social, sem perder de vista a ênfase na variação diatópica, tendo como objetivo maior o fornecimento de dados descritivos da realidade linguística do português brasileiro (p. 225).

Com o mesmo intuito do ALiB, seguimos analisando o parâmetro sociolinguístico (diastrático) desta pesquisa. Para isso, retomamos o corpus da pesquisa, formado por pessoas nascidas em Roraima, mas com diferentes características sociais, a considerar sexo, idade e nível de escolaridade, conforme apresentado no item “O processo teórico-metodológico da pesquisa”. Observamos que, ao fazer uso da ditongação, os falantes com diferentes perfis assemelham-se, não apresentando marcas significativas de distinção para alguma das realizações. Esse fato vai ao encontro de outros estudos como o de

Aragão (2014) que, ao observar o fenômeno nos dados do ALiB, considerando os parâmetros de faixa etária, sexo e escolaridade, conclui que apresentaram insignificantes percentuais no que se refere à ditongação.

Quanto aos parâmetros geográficos, a considerar os bairros e regiões selecionados para este estudo (dialetal ou diatópico), observamos que neste trabalho, as amostras indicam que as realizações do processo de ditongação se deram de forma equivalente tanto na zona sul quanto na zona oeste.

### **Considerações finais**

As análises ratificam resultados já confirmados por Mota e Silva (2012), Aragão (2014); Silva (2018); Sanches e Pereira (2020), de que o processo de ditongação diante das fricativas alveolares [s, z], em sílabas fechadas pelo arquifonema /S / [s, z, ʃ, ʒ], coda silábica, é bastante comum no português brasileiro.

A ditongação, fenômeno que, a princípio, parecia ser um traço da fala dos estados do nordeste brasileiro, mas já identificado em outras regiões brasileiras, conforme estudos relevantes apresentados, é também presente no falar boa-vistense, talvez pela formação populacional do estado que recebe contribuição de falares de todos os estados brasileiros, especialmente dos estados do nordeste.

As realizações do processo de ditongação para falantes de baixa escolaridade e de nível mais avançado estão muito próximas, não se mostrando determinante para este estudo. Do mesmo modo, comportaram-se as variantes sexo e idade. Com isso, concluímos que os fatores linguísticos têm mais influência do que os sociais no processo de ditongação diante de /S/, especificamente nas duas zonas pesquisadas.

Como os estudos sobre o processo de ditongação são muito produtivos, esperamos futuramente confrontar, a partir das pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisadores do NEPSol, os dados obtidos pelos informantes da capital de Boa Vista, com dados dos informantes dos demais municípios de Boa Vista, para que possamos fazer uma descrição desse fenômeno em todo o Estado.

### **Referência**

ALVES, M. S. S. **Variação “nós e a “gente” nas Modalidades Escrita e Oral entre adolescentes de Boa Vista.-RR** .Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Roraima. Cursos de Letras, 2023.

AMARAL, A. O dialeto caipira. São Paulo: O Livro, 1920.

AQUINO, M. F. S. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. In: HORA, D. (Org.). Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti, 2004. p.45-54.

\_\_\_\_\_. A ditongação na comunidade de João Pessoa: uma análise variacionista. 1988. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 1998.

ARAGÃO, M. do S. S. de. **Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras**. In XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina. João Pessoa - Paraíba, Brasil. ALFAL 2014. #2089.

ARAUJO, M. S. M; MOTA, F.; CRUZ, O. **Um olhar dialetológico sobre Roraima: variações na cidade de Pacaraima**. In: II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2012, Belém. Um olhar dialetológico sobre Roraima: variações na cidade de Pacaraima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 1817-1828.

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/boa-vista/historico>. Acesso em 15 de março de 2024.

CARDOSO, S.A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S.A. Projeto AliB: O sentido desta caminhada. In CARDOSO; MOTA, J.A. PAIM, M. M.T. **Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil** (Orgs) Salvador: Vento Leste, 2012.

CARDOSO, S.A.M.S. Atlas Linguístico do Sergipe II. Rio de Janeiro: S.A.M. da S. Cardoso, 2002. 2v.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; LEMOS SILVA, S. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2023**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

COMITE NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: UEL, 2001.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. UFAM. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Departamento de Língua e Literatura Portuguesa. Campus Universitário. Manaus – Amazonas – Brasil. Tese de doutorado.(2004)

GONÇALVES, L. C. S., PROCÓPIO, E. **Catálogo Dialectal de São Luiz do Anauá-**

**RR.** Universidade Federal de Roraima. Cursos de Letras, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso.

GONÇALVES, L. C. S., PROCÓPIO, E. **Proposta de um Catálogo Dialetal de São Luiz do Anauá-RR.** Revista Philologus, Ano 27, n. 81 Supl., Rio de Janeiro: CiFEFiL, 29 dez.2021, p. 2.125-2.144 Anais do XVI JNLFLP.

KOCH, W; KLASSMAN, M.S.; ALTENHOFEN, C. **Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil.** Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed.UFGS/Ed.UFSC/Ed.UFPR, 2002.v1,v2.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEIRIA, L. L. **A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /s/.** 1995. 74f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. **Processos em curso no português do Brasil: a ditongação.** In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). Teoria linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Universitária, 2003. p.232-250.

MARTINS et al. **Mapeamento geolinguístico da fala do boa-vistense.** Boa Vista, Roraima. Universidade de Roraima 2022.

MARTINS et al. **Quem és tu, Roraima?** Caminho para a construção do Atlas Linguístico de Roraima. Boa Vista, Roraima. Universidade de Roraima 2020.

MARTINS, L. R.; MARTINS, E. R., ARAÚJO, M. do S. M. **A fala do povo boa-vistense: considerações preliminares.** Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos. Redenção CE.v 07 Número Especial, 2023, p.9-24.

MOTA, J; SILVA, A. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/. In: CARDOSO, S; MOTA, J; PAIM, M. (Org.) **Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** Salvador, Vento Leste: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2012. p. 117-135.

MOTA, J. A. et al(organizadoras). **Contribuições de estudos geolinguísticos para o português brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso.** Salvador (BA), DUFBA, 2020.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NOLL, V. O português brasileiro: formação e contraste. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, R.; ARAÚJO, M. do S. M. **“Carapanã”: um estudo do falar roraimense em Boa Vista.** In MONTEIRO, H.; ARAÚJO, M. do S. M. ; COUTINHO, I. Letras em Fronteiras: olhares sobre a Amazônia – Boa Vista: Ed. UERR- RR, 2024 (no prelo).

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. (ed.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996, p. 25-49.

RAZKY, A (Orgs). **Atlas Linguístico Sonoro do Pará**. Belém:PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. D. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

ROCHA, M; SILVA, A; NEVES, F. **Uma análise sobre a ditongação das vogais tônicas finais seguidas de /S/**. Revista Digital. Buenos Aires. 2015. p. 2-3.

SANCHES, R; PEREIRA, Andreina Nunes. **Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá**. In Revista Porto das Letras, Vol. 06, Nº 01. Estudos em variação linguística: teoria, métodos e descrição de variedades brasileiras. 2020.

SANTOS, A.de S. **Multilinguismo em Bonfim/RR**: o ensino de Língua Portuguesa no contexto da diversidade linguística. Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Tese de Doutorado, 2012.

SILVA, A. **Ditongação diante de <S> em áreas baianas**: Sudoeste e Centro-sul. Rev. Digital: A cor das Letras. 2018, n. Especial, v.19. p. 95-96.

SILVA, G. A. da, MARTINS, L. R, SANCHES R. D. **Atlas linguísticos em contexto amazônico**: desafios e possibilidades. In Revista Domínios da Linguagem. Uberlândia, MG, UFU 2024. (no prelo).